

---

“advogado” de Darwin, T. H. Huxley) escrevendo sobre sua experiência com mesalina; contracultura e revolução interior no seio intelectual dos anos 60/70. Finalmente, dá-se o nascimento da etnopsicofarmacologia de Richard Evans Shultes, de Harvard.

A obra de Terence McKenna nos brinda com elegância documentação histórica, etnografias, revisão bibliográfica, bem como com um “novo manifesto” por um estilo de vida mais saudável para a comunidade humana. *Stricto sensu*, menos por sua contribuição especulativa, no início exposta, McKenna nos mostra a face ideológica do entendimento do fenômeno do uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas. Nos mostra que por trás de um conjunto de aspectos macroeconômicos, sanitários, jurídicos e até

mesmo morais, ainda assim, o consumo de substâncias psicoativas pelo homem tem suas raízes em recônditos profundos de sua própria subjetividade: é uma das tentativas de re-conhecer sua existência no mundo, de *religare*, de dar algum sentido ao seu vir-a-ser. Sem se render ao piegas ou ao francamente *outsider*, o autor nos lembra que o fenômeno do uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas tem de ser tratado com metodologias para além da tabulação estatística, do dispositivo médico-legal ou do binômio capital-trabalho.

Guilherme S. L. Brito  
Escola Nacional de Saúde Pública  
Fundação Oswaldo Cruz

---

**Ruptures - Revue Transdisciplinaire en Santé**, volume 1, nº 1. Ron Levy (editor).  
Publicação do GRIS (Groupe de Recherche Interdisciplinaire en Santé), da Faculdade de Medicina da Universidade de Montreal: Montreal, Canadá, 1994.  
ISSN 1192-8808

Uma nova revista canadense, em língua francesa, vem favorecer o choque de idéias que provoquem “rupturas”, com o sentido de descontinuidade, de maneira a explorar o campo da Saúde vinculado às transformações paradigmáticas da Ciência e Tecnologia. O editor esclarece que não se quer refletir uma “escola de pensamento”, mas abrir um espaço ao diálogo de diferentes ideologias vigentes que motivem a reflexão crítica.

A revista está estruturada em três seções e o primeiro número é aberto com o “ponto de vista” de André-Pierre Contandriopoulos, defendendo a necessidade de se construir uma utopia para a reforma dos sistemas de saúde (“*Réformer le système de santé: Une utopie pour sortir d’un statu quo impossible*”). A utopia apresentada, inspirando-se em uma concepção de Musil, é conceituada como uma possibilidade de as circunstâncias provisórias impedirem a realização, a qual permitiria

enfrentar as crises do financiamento, da regulação, dos conhecimentos e dos valores que afetam o sistema de saúde canadense. Vale salientar que, respeitadas as especificidades sócio-econômicas e políticas do país, é fácil perceber que estas crises se evidenciam também em nossa realidade.

A seção dos artigos originais reúne três estudos ligados à análise dos serviços e programas de saúde. No primeiro — “*Introduire la durée dans la conception et la mesure de l’utilisation des services médicaux*” —, François Béland testa um modelo matemático que supõe uma concepção dinâmica para a medida da utilização dos serviços médicos, inovando seu desenho ao adotar o conceito “propensão a utilizar” como o objetivo que redefine estas investigações. Tomando como base de dados um inquérito epidemiológico (morbidade e uso de serviços) realizado no Québec em 1987, o autor constata alguns avanços do novo enfoque e critica os pressupostos da regressão linear para predizer os comportamentos de pacientes nos estudos de utilização.

Os autores Ndjeru e Blais apresentam os resultados de uma intervenção destinada a facilitar o acesso de um segmento populacional pobre de Montréal aos serviços de saúde (“*Le Projet Milieu: Une stratégie d’intervention alternative pour rejoindre les clientèles sous-*

---

desservies”). São analisados os fatores que favoreceram e dificultaram a implantação do programa, bem como a utilidade percebida por profissionais e usuários. A validade externa do estudo se amplia, considerando-se que o projeto traduz dimensões comuns das teorias de intervenção comunitária (globalidade da atenção aos indivíduos e suas famílias, multidisciplinaridade e colaboração intersetorial de organismos locais).

O artigo de Potvin et al. — “*Le paradoxe de l'évaluation des programmes communautaires multiples de promotion de la santé*” — é particularmente recomendado para os que se interessam pela avaliação dos programas de saúde, cobrindo diferentes localidades ou regiões e tendo como pressuposto “a participação da população em todas as etapas, da planificação à avaliação do projeto”. Descartando a possibilidade de restringir tais avaliações ao “credo epidemiológico ou quase-experimental” que tradicionalmente orienta a pesquisa avaliativa, os autores sugerem uma modelagem alternativa que não compromete a validade da pesquisa e integra as propostas locais de avaliação. O programa canadense para a redução da prevalência dos fatores de risco das doenças cardiovasculares foi utilizado como exemplo da aplicação do novo modelo.

A terceira seção (artigos já publicados) inicia-se com a descrição de três expressões da ética tecnocientífica, de base antropológica, no trabalho de Gilbert Hottois, intitulado “*Vérité objective, puissance et système, solidarité (D'une*

*éthique pour l'âge technoscientifique)*”.

Em seguida, Guy Durand nos apresenta a emergência e os desafios da bioética (“*De la deontologie médicale à la bioéthique*”), que recoloca a questão dos limites da pesquisa, em termos de moratória e interdição, para assegurar o respeito aos seres humanos e a sobrevivência da humanidade.

O artigo final — “*Croyance et doute: Une vision paradigmatique des méthodes qualitatives*” —, escrito pelo editor da revista, questiona o “realismo científico” dos que pretendem que a experimentação seja a única forma de conhecimento (“paradigma positivista”). Discutindo os fundamentos do positivismo e do construtivismo (abordagem interpretativa da realidade), o autor resume sua argumentação dizendo: “para o realismo, a certeza é a rotina; para o construtivismo, a dúvida é a rotina”.

Para tantas provocações seguramente não faltarão debatedores em nosso convívio acadêmico e no próximo número da revista. Vale a pena conferir... Aliás, esqueci de comentar que *Ruptures* tem uma textura de pesquisa e ensaio que torna a leitura agradável, mesmo depois de uma jornada de trabalho ou na pausa dos jornais de domingo.

Zulmira Maria de Araújo Hartz  
Escola Nacional de Saúde Pública  
Fundação Oswaldo Cruz

---

***A Construção da Solidariedade: AIDS, Sexualidade e Política no Brasil.*** Richard Parker. Rio de Janeiro: Abia, IMS-UERJ, Relume-Dumará, 1994. (Série História Social da AIDS, vol. 3)

Organizado em sete capítulos distribuídos em três partes, o livro “A Construção da Solidariedade: AIDS, Sexualidade e Política no Brasil” constitui um aporte fundamental para vários setores, o público da academia, para pessoas engajadas na luta contra a AIDS, e para o público que busca informações sobre a epidemia no Brasil. Para os pesquisadores, este livro é uma oportunidade de conhecer uma forma de

vincular a teoria, no caso, uma linha de pensamento antropológico construcionista pós-moderno, com formas específicas de ação, isto é, a inserção na militância política como resposta a problemas sociais. Richard Parker, antropólogo da Universidade de Berkeley, se apóia em dados oriundos de pesquisas etnográficas, como os resultados da investigação efetuada em homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro. Elas fornecem não só dados empíricos do problema objetivado pelo pesquisador mas também conseguem contextualizá-lo no universo da realidade brasileira. A combinação destes elementos fornece uma imagem bem abrangente da história da epidemia e da maneira como se